

podem cair logo

Previsão é do presidente Fernando Henrique, que também acenou com medidas contra o desemprego e se dispôs a negociar uma saída para a crise no ABC paulista

AG



Fernando Henrique deu entrevista em seu último dia em Londres: "Vamos recuperar o tempo perdido"

Vamos algumas medidas. O Banco Central obriga as instituições a prestarem as informações necessárias para que o cliente saiba o grau de risco que ele corre ao entrar num fundo. Se os fundos gostam de ter um risco alto eles vão ter de aumentar a parcela de depósito no Banco Central para garantir as aplicações. Acreditamos também que é preciso ter informações mais detalhadas sobre a situação de cada país. A crise que ocorreu na Ásia surpreendeu o mercado financeiro. No Brasil nós enfrentamos uma crise bancária em 95 e atuamos com a criação do Proer. Aliás, se eu for candidato, o Proer será peça da minha campanha eleitoral. O Proer foi tão mal falado e no entanto foi peça fundamental para o saneamento do sistema financeiro. Os banqueiros que atuarem mal perderam os seus bancos, mas os depositantes não. Então a nossa situação é muito diferente da Ásia, mas a comunidade financeira internacional não tem essas informações.

Desemprego - Não estou otimista nem pessimista. O que não pode é perder a noção das coisas. Quem está na política tem que fazer juízos comparativos. A primeira comparação é a seguinte: se não se fizesse isso (o aumento dos juros e o pacote) nós estaríamos numa situação sem saída. Subir a taxa de juros depois de ter desvalorizado a moeda, depois de ter desorganizado tudo a população perderia o valor do seu salário e haveria uma crise. Mas o impacto dessas medidas é diferenciado. A indústria automobilística, por exemplo, foi sensível porque estava crescendo às taxas enormes. A produção que estava projetada para o ano 2000 foi alcançada este ano. Vamos ver depois o que fazer com esses setores atingidos, mas a primeira preocupação é com o conjunto da sociedade, mantendo o valor do salário. Estamos fazendo tudo pa-

ra que essas medidas sejam rápidas para que se possa recuperar com rapidez o tempo perdido. Mas precisamos tomar medidas que compensem os sacrifícios. Todo setor agrícola foi poupado e continua pagando juros de 9,5% ao ano. Criamos também o fundo de aval para as pequenas empresas exportadoras e o Congresso acaba de aprovar o Sistema Financeiro da Habitação, que vai reativar a construção civil, e gerar emprego. Quando voltar ao Brasil vamos ver a situação dos trabalhadores da Volks. É uma negociação entre o sindicato e a empresa mas vamos ver o que é possível fazer. Então não se trata de pessimismo ou otimismo é uma questão de não perder o rumo.

Seleção - Vamos ganhar. Acho que devemos dar toda a força ao Zagallo. Mas jamais vou usar esporte

na campanha eleitoral. Futebol é paixão nacional. Só não dá certo para quem está contra. Na eleição passada eu torci a favor, outros ficaram com medo de torcer com medo de perder. Eu vou torcer de qualquer maneira.

Reeleição - Não pensei sobre isso ainda não. Estou preocupado com uma porção de coisas mais imediatas,

como a preservação da moeda e com o desenvolvimento econômico. Eu sempre disse que só tomaria uma decisão se eu sentisse que tinha condições de servir ao País. Isso pode parecer que é banalidade, que é apenas uma frase, mas para quem tem a carreira que eu tive, que vem da universidade, que entrei na política por uma razão muito especial, que foi o combate ao regime militar. Depois fui ampliando a minha participação, virei ministro da Fazenda sem nunca ter desejado, consegui alguma coisa com o Real e ganhei a eleição no primeiro turno. Não posso olhar a questão de uma maneira pessoal. Será que vai ser útil

para o País e para mim? Isso não é um resposta fácil. Eu não preciso me precipitar nessa matéria. Se eu sentir que haverá uma coalizão pelo Brasil, como tem havido, é claro que eu vou ser candidato. Eu já vi tanta gente sofrer porque não consegue dar outro passo. Eu já dei tantos passos que se não der mais nenhum já estou me achando bem.

Reforma Ministerial - Sempre li nos jornais quando eu vou fazer a reforma ministerial. Já disseram que eu iria fazer em dezembro, em abril. O Governo está funcionando normalmente e bem. Não há nenhuma força pressionando por reforma. O fato é que há uma data imperativa, para quem vai ser candidato, que é abril. Quando eu souber quem vai ser candidato eu tomo a decisão.

Lula - A candidatura do Lula é uma questão do PT que não afeta a minha decisão. Quero dizer que eu respeito o Lula como pessoa. Já concorremos uma vez e foi uma competição que não deixou no meu espírito nenhuma marca e nenhuma mágoa. O Lula é uma pessoa que o Brasil deve preservar. Às vezes ele diz umas coisas que não são muito agradáveis de ouvir, mas são coisas do calor da hora. Acho bom ele estar na campanha não porque seja mais fácil. Quero apenas deixar bem claro que o Lula é uma pessoa que eu respeito.

Futuro - Essas dificuldades são muito mais sentidas a nível dos indicadores do que na vida da população. As pessoas percebem quando vão fazer compras, quanto têm dificuldade de emprego. A única preocupação do Governo neste momento é que haja emprego. Para o resto do conjunto da sociedade eu não creio que ela perceba dificuldades maiores. É possível que a economia, com a alta dos juros, sofra uma redução. Isso vai ter alguns efeitos, como reduzir o déficit da balança comercial, vai melhorar as expectativas, o que é uma coisa até cruel. Para quem tiver dificuldade o Governo vai ter de agir, aumentar os programas de treinamento de mão-de-obra mais atenção ao seguro desemprego.

“Eu tenho um programa social que foi aprovado pelo povo. Com o Plano Real os mais pobres tiveram aumento de renda”